

O ESTÁGIO EM ESPAÇOS NÃO FORMAIS DE ENSINO: OUTRAS POSSIBILIDADES DO EDUCAR

Claudia Moreira de S. Pires
UNEB
elcau2002@yahoo.com.br

Patrícia Pires Queiros
UNEB
ppqgeo@hotmail.com

1

RESUMO

O presente trabalho consiste numa reflexão constante e necessária sobre a prática pedagógica e os estágios nos cursos de licenciatura, nesse caso, na Licenciatura em Geografia, na UNEB - Universidade do Estado da Bahia, Campus V. A intenção deste texto é apresentar uma experiência desenvolvida no âmbito da formação de professores de Geografia, a qual contempla uma pesquisa no estágio, o qual é concebido como momento de reflexão e ação, bem como de rupturas com práticas educativas tradicionais, na formação de educadores, e assim se refletiu nos estágios em espaços não escolares, buscando perceber a educação em sua essência. Pensar a essência do educar implica em observar os diversos espaços que não são escolares e que apresentam conteúdo educativo, como as ruas, festas, movimentos sociais, igrejas e etc, ou seja, locais que proporcionam educação ao longo de toda a vida. O conhecimento informal que permeia o espaço urbano é também conhecimento sobre o próprio meio, e assim informalmente aprende-se muitas coisas que são úteis, valiosas e necessárias para a vida. É nesse contexto que a cidade emerge como espaço da cultura, da alteridade, educando a escola e a todos seus espaços, numa sincronia que envolve constante troca de saberes e competências. Assim, o que se busca elucidar são os conteúdos geográficos desenvolvidos nesses espaços não escolares, como conhecimentos que permitirão uma melhor leitura e compreensão do cotidiano, enquanto espetáculo da vida. O Estágio Curricular Supervisionado II no curso de Licenciatura em Geografia da UNEB/Campus V é realizado em instituições não governamentais, e promove discussões acerca da práxis pedagógica para o ensino de Geografia voltado para a comunidade, através de planejamento prévio das atividades, cujo principal objetivo é a realização de oficinas sobre temas diversos da Geografia. Cabe

nesse trabalho refletir acerca das experiências exitosas e dificuldades para a construção/realização das oficinas. Bem como, avaliar a utilização dos conhecimentos geográficos basilares para a execução da oficina, e a contribuição dessa modalidade de estágio para a formação docente. Os autores utilizados para subsidiar as discussões foram Maria da Glória Gonh, Moacyr Gadotti, Paulo Freire e Carlos Rodrigues Brandão. A metodologia desenvolvida para a realização deste trabalho partiu-se inicialmente de observação direta com depoimentos orais e escritos nos grupos da oficina acerca da construção do projeto e da execução das Oficinas. Houveram ainda registros feitos com fotografias, bem como relatos dos participantes das oficinas. Como resultado constatou-se que o Estágio Supervisionado não formal em Geografia tem contribuído para a formação docente, bem como proporcionado formação política, e observação para a diversidades e contradições, solicitando assim dos docentes em formação um olhar intencional para o ensino na escola e nos espaços não formais. Portanto, o presente trabalho se apresenta enquanto exercício de reflexão para o estágio como pesquisa, bem como para compreensão dos processos educativos em espaços não escolares como novas reflexões e alternativas a estrutura escolar posta.

2

PALAVRAS-CHAVE: Espaços Não Formais De Ensino; Educação; Geografia.

INTRODUÇÃO

A reflexão que norteia a Formação de professores perpassa por uma compreensão ampla e multidimensional do conceito de Educação, o qual deve ser abordado e desenvolvido, considerando os diversos espaços que possuem o conteúdo educativo, ou seja, que busca instaurar a cidadania plena, ativa, com canais constantes de comunicação e incentiva a organização das comunidades. A educação deve ser pensada e concebida de forma diversa, visto que não existe uma única forma de educação. O componente curricular Estágio em Espaços Não Formais de Ensino propõe uma reflexão acerca da educação a ser proporcionada em espaços outros, que não sejam os educativos escolares e busca uma reflexão sobre a educação no seu sentido mais amplo.

Mediante esse contexto, nos propomos neste trabalho refletir e socializar uma experiência formativa desenvolvida com alunos-professores em formação inicial do 6º

semestre do curso de licenciatura em Geografia do Campus V¹ da Universidade do Estado da Bahia – UNEB². Trata-se de um relato de experiência acerca das oficinas realizadas no componente Estágio- Espaços Não Formais de Ensino, na UNEB- Universidade do Estado da Bahia, Campus V, com uma turma de sexto semestre, e observar que outras possibilidades de educação foram apreendidas e desenvolvidas durante essa atividade. Buscou-se também refletir, acerca das experiências exitosas e dificuldades enfrentadas para a construção e realização das oficinas. Por fim, nos deteremos em avaliar a utilização dos conhecimentos geográficos basilares para a execução da oficina, bem como a contribuição dessa modalidade de estágio para a formação docente.

Parafraseando Brandão (2013), a escola não é o único lugar onde a educação acontece e talvez nem seja o melhor. Para esse autor o ensino escolar não é a única prática educacional e o professor profissional não é o único praticante da educação. Desta forma, compreende-se que a educação existe de formas diversas, em pequenas sociedades tribais, sociedades camponesas, nos movimentos sociais, nos coletivos urbanos, enfim, nos mais diversos espaços. Isso por que do seio familiar à comunidade, a educação acontece de forma difusa em todos os universos sociais, nas variadas práticas dos segredos do aprender.

Por isso, é fundamental que se busque criar nos cursos de formação de professores esse olhar multifacetado acerca do processo do educar, o qual se vincula aos mais variados contextos sociais, e o professor precisa estar consciente de seu papel nesse universo amplo e diverso. De acordo com Silva (2013), a formação inicial de professores é um momento especial. Investir esforços na formação ancora saberes, experiências, culturas e permite o embasamento capaz de desencadear um conjunto de ações para tornar o país mais justo

¹ Professora Assistente de Prática de Ensino e Estágio Supervisionado, da UNEB- Universidade do Estado da Bahia, Mestre em Cultura, Memória e Desenvolvimento Regional, Grupo de Pesquisa Geografia, Diversas linguagens e Narrativas de professores – GEO(BIO)GRAFAR. O Campus V da UNEB está localizado na cidade de Santo Antônio de Jesus, no Recôncavo da Bahia, tendo os cursos de Licenciatura Plena em Geografia, História, Letras Vernáculas, Letras com Espanhol, Letras com Inglês e Administração de Empresas.

² A Universidade do Estado da Bahia – UNEB é uma instituição de ensino superior que desempenha historicamente um significativo papel na formação de professores. Criada em 1º de junho de 1983 e reconhecida pelo Ministério da Educação em 31 de junho de 1995 como uma organização *multicampi*, a UNEB é considerada a maior instituição pública de ensino superior do Estado da Bahia e está presente geograficamente em 18 (dezoito) dos 27 (vinte e sete) Territórios de Identidade² do Território baiano. Atualmente conta com 24 (vinte e quatro) *Campi* e 29 (vinte e nove) Departamentos localizados em sedes de 24 (vinte e quatro) municípios baianos, incluindo a cidade de Salvador, capital do Estado, a qual abriga a sede da Administração Central da Instituição.

no campo social. Essa abordagem nos faz pensar que a formação de professores tem peculiaridades capazes de possibilitar mais do que ensino, visto que educação é mais que ensino. Freire (2011) nos diz que a educação é uma forma de intervenção no mundo. Dialética e contraditória, não poderia ser a educação só uma ou só a outra dessas coisas.

Diante dessas necessidades inerentes a condição da docência, busca-se com esta pesquisa descortinar de que forma a disciplina espaços não formais de ensino pode contribuir para a construção de um olhar para outras possibilidades de educação, no curso de Licenciatura em Geografia?

O caminho a ser percorrido para a construção deste trabalho foi inicialmente a construção de um referencial teórico que abrangesse a proposta curricular do curso bem como levar os educandos a repensar o conceito de educação, educação não formal, e o ensino /conceitos da geografia e o estágio como prática para reflexão, ação, desconstrução da formação docente. Assim, nos debruçamos sobre leituras, discussões e escritas acerca desses conceitos com os professores em formação, o que veio a desabrochar na elaboração dos projetos das Oficinas.

1. EDUCAÇÃO EM ESPAÇOS NÃOFORMAIS: PORQUE A ALDEIA TAMBÉM EDUCA.

É fundamental considerar que a educação existe onde não há escola, e nos mais diversos espaços, podendo prevalecer redes e estruturas sociais de transferência de saber que são passadas de geração em geração, e que passam distante do ensino formal, no modelo de ensino escolar como temos. Partindo dessa ponderação depreende-se que os mais diversos espaços sociais são carregados de conteúdo educador. Portanto é fundamental que o professor- formador tenha essa potencialidade desenvolvido no meio acadêmico, visando assim ele contribuir para o seu espaço de vivência.

Segundo Gadotti (2005) a educação ultrapassa os limites do ensino escolar formal visto que as experiências de vida também geram processos de aprendizagem não-formais, que desenvolvem autonomia nos sujeitos sociais. O tempo da aprendizagem na educação não-formal é flexível, respeitando-se as diferenças e as capacidades de cada um ou uma. Com a educação não formal a flexibilidade permeia o tempo e os múltiplos espaços.

Se estivesse claro para nós que foi aprendendo que percebemos ser possível ensinar, teríamos entendido com facilidade a importância das experiências informais nas ruas, nas praças, no trabalho, nas salas de aulas das escolas, nos pátios dos recreios, em que variados gestos de alunos, de pessoal administrativo, de pessoal docente se cruzam cheios de significações. Há uma natureza testemunhal nos espaços tão lamentavelmente relegados das escolas. (FREIRE, 2011,pg.44)

Cabe aqui salientar, considerando Gohn (2006) que a educação não-formal é aquela que se aprende “no mundo da vida”, via os processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivas cotidianas. Aqui nos referimos a ações que extrapolam o ambiente da escola, e que são práticas educativas em sua essência, ou seja, trata-se de referir a ambientes que são educativos. E aqui cabe pensar a aldeia, em que as experiências e ações de pais para filhos, os ritos, os códigos de condutas, por si sós são ações educativas. Um outro exemplo, seriam os movimentos sociais em que lutas e ações são empreendidas e que por si só desencadeiam comportamentos educativos. Ou seja, o movimento social forma historicamente o sujeito social, e no dia a dia educa as pessoas que dele fazem parte. E o princípio educativo principal desta pedagogia é o próprio movimento. A sinergia que emerge do movimento social, das vivências nas ruas, das experiências em grupos nas igrejas e os códigos de relação entre as pessoas, o respeito e a alteridade são elementos que por si sós são educativos.

Assim, a proposta do estágio em espaços não formais é desenvolver no professor em formação, a capacidade reflexiva que segundo Silva (2013) é inata no ser humano, no entanto, ela precisa de contextos de liberdade e responsabilidade que permitem o seu desenvolvimento.

Porque a educação não formal ela se propõe a desenvolver e potencializar os sujeitos sociais em várias dimensões; que segundo Gohn (2006) leva a aprendizagem política dos direitos enquanto cidadãos, a capacitação do ser humano para o exercício laboral, através da aprendizagem de habilidades ou o desenvolvimento de potencialidades; o desenvolvimento de práticas que propiciam os indivíduos se organizarem com objetivos comunitários e voltados para a resolução de problemas coletivos cotidianos, facilita a leitura do mundo do ponto de vista de quem compreende o que se passa ao seu redor, como por exemplo uma interpretação coerente da mídia.

Assim, através da Educação não formal se consegue uma leitura e compreensão do movimento cotidiano da cidade que por si só, já se manifesta educadora. Cabendo aqui enaltecer que essa educação tanto por contribuir para a civilidade como para o incivilizado, dependendo do modelo de sociedade em que ela se desenvolva. Ou seja, a cidade tem em si um conteúdo educativo que precisa se percebido/compartilhado pelos sujeitos sociais que nela residem. E aí nesse contexto Gadotti (2004) nos leva a refletir que,

6

A cidade dispõe de inúmeras possibilidades educadoras. A vivência na cidade se constitui num espaço cultural de aprendizagem permanente por si só. Mas a cidade pode ser “intencionalmente” educadora. Uma cidade pode ser considerada como uma cidade que educa, quando, além de suas funções tradicionais- econômica, social, política e de prestação de serviços- ela exerce uma nova função cujo objetivo é a formação para e pela cidadania. (Gadotti, 2004)

Ou seja, o que Gadotti propõe é justamente que nos espaços não formais, e nos mais diversos ambientes da cidade, exista a promoção e o incentivo ao desenvolvimento do protagonismo de todos os sujeitos sociais, em favor do direito a uma cidade que educa. As oficinas desenvolvidas na disciplina de Estágio- Espaços não formais se propõe a instrumentalizar e proporcionar ao docente em formação essa experiência de refletir e operacionalizar na promoção desses espaços educativos nos mais diversos espaços da sociedade. Assim, as oficinas elas ocorreram com propostas e em espaços diversificados, objetivando o desenvolvimento dos sujeitos sociais. Aqui, concordando com Fernandes (2009) se buscou a ampliação dos horizontes de educadores que são provocados a reconhecer outros contextos e dinâmicas sociais geradoras de aprendizagens significativas que podem e devem interagir com as práticas institucionais escolares e não-escolares.

Assim, ao se proporcionar o desenvolvimento das oficinas o que se busca é desenvolver o olhar acerca de uma educação que se aprende “no mundo da vida”, por meios de espaços de compartilhamentos de experiências, permitindo assim uma leitura e

interpretação do mundo que nos cerca, e a formação do sujeito crítico e transformador do seu contexto.

2. O ENSINO DE GEOGRAFIA E A EDUCAÇÃO NÃO FORMAL.

O ensino de geografia permite uma operacionalização para uma leitura coerente e reflexiva do espaço de vivência, o cotidiano, o qual é preñado de significados e precisam ser compreendidos e percebido/lido corretamente. Assim, a geografia acaba contemplando de forma abrangente a educação não formal, e vice-versa, visto que a educação não formal se concentra nessa leitura do lugar, e do conteúdo desses espaços.

Um dos conceitos chave para a compreensão da geografia é o conceito de lugar, o qual é um campo de conhecimento importante para a Educação Não- Formal. Ou seja, a Educação Não- Formal desenvolve reflexões acerca do cotidiano, do que é vivenciado, busca-se compreender o local que se vive e de que forma uma postura política, o respeito e a civildade são fundamentais para criar um lugar melhor para se viver.

Assim a Educação Não- Formal acaba propiciando uma melhor compreensão dos fenômenos em seu entorno, e assim, o estar mais preparados para o cotidiano de suas funções. Busca-se desta forma, compreender as possibilidades de uma ação transformadora acerca da valorização dos saberes já adquiridos. Nesse processo se vislumbra uma desconstrução do conhecimento geográfico, no sentido de desfazer o ensino que por vezes se apresenta como cartesiano, e propor um novo fazer geográfico que envolve uma prática diversa na arte de ensinar\aprender geografia.

As oficinas pedagógicas, tecidas pelos profissionais em formação permite uma reflexão acerca do papel do educador na ressignificação da prática, e é um momento necessário a reflexão do ensinar/aprender, combinando elaboração e utilização do conhecimento na difícil arte da sobrevivência. Desta forma a geografia pode ser comparada a uma obra de arte que se apresenta pintada com as cores das palavras e os matizes dos caminhos percorridos.

O que se buscou com o Estágio em Espaços Não- Formais foi apresentar a geografia enquanto possibilidade de descortinamento da vida e do espaço vivido, e para essa tarefa é necessário paixão, compromisso e decisão. E quando a geografia

consegue alcançar essa proposta percebe-se que ela se coloca na dialética privilegiada de humaniza-se.

3. O ESTÁGIO E A OFICINAS PEDAGÓGICAS: RESULTADOS E DISCUSSÕES.

O Estágio Supervisionado em Espaços Não- formais é uma continuidade do Estágio supervisionado diversificado. Visando uma melhor contextualização desse aspecto depreende-se que segundo Souza (2016)

8

No curso de Geografia da UNEB, devemos salientar as três modalidades de estágio e os quatro componentes curriculares específicos, sendo que as modalidades de Estágio Supervisionado do curso de Geografia não possuem uma sequência fixa, podendo ser oferecida a cada semestre (...) modalidade I, Estágio diversificado (...) momento de desenvolvimento de atividades didático- pedagógicas que possibilitem ao discente a elaboração, a execução e a avaliação de projetos, visando a produção e a aplicação de materiais didáticos, recursos e técnicas de ensino na sua área de atuação, ou ainda a participação em projetos multidisciplinares, experimentais e/ou comunitários. (...) Modalidade II, Estágio em espaços não formais (...) momento de desenvolvimento de trabalhos com dimensão pedagógica, na área específica ou afim, em outros espaços pedagógicos extraescolares. Poderá ocorrer através de minicursos e/ou oficinas pedagógicas, enfocando os programas de ensino em vários espaços educativos, através de projeto de intervenção.(...) Modalidade III, Estágio de Regência (...) Ensino Fundamental II (...) Momento de regência de classe na disciplina de Geografia no ensino fundamental (5ª a 8ª séries). Tal estágio ocorrerá em instituições escolares da rede pública de ensino no município sede do Campus, na área específica de formação. (...) Ensino Médio (...) momento de regência de classe na disciplina Geografia no ensino médio. Tal estágio ocorrerá em instituições escolares da rede pública de ensino no município sede do campus, na área específica de formação (...). (SOUZA, H.R.;SOUZA, L.C.T, 2016,p. 400)

Assim, o estágio que será refletido nesse momento será o Estágio II, Estágio em espaços não formais. Depreende-se que durante o processo de formação docente, o discente experimenta diversas possibilidades formativas, a partir do transitar nos espaços formais e informais. Sabe-se que a pesquisa é inerente a pessoa do pesquisador, que busca sempre o conhecimento e o aprimorar deste enquanto incansável aprendiz.

Tem desta forma que o discente experimenta o constante produzir, construir e reconstruir do seu conhecimento, no sentido de ir além de mero transmissor de conhecimento, mais sendo um sujeito pesquisador, que consegue proporcionar formas de leituras e análises do espaço geográfico no contexto escolar.

Concordando com Souza (2016),

(...) é possível que tenhamos profissionais ávidos em fazer novas geografias, pois, na atual complexidade mundial desta era de incertezas, podemos não ter respostas, mas nos sentimos incentivadas (os) a busca-las. Isso ocorre, especialmente, quando buscamos reinventar o mundo, tendo coragem e a ousadia de acreditar que outro mundo é possível. Assim, no espaço de nossa atuação profissional, construir um lugar/mundo melhor. (SOUZA, H.R.;SOUZA, L.C.T, 2016,p. 401)

O componente Estágio em espaços não formais de ensino possibilitou desenvolver nos professores em formação o olhar acerca do educador nos espaços não-formais, propondo assim a reflexão que o educador nesse contexto, é o outro, ou seja, aquele com que interagimos e integramos. No caminhar do estágio, foi importante elucidar acerca dos espaços físicos em que são possibilitados os processos educativos, que são os espaços das trajetórias de vida dos grupos, geralmente interativos e intencionais.

Os professores em formação divididos em equipes inicialmente se detiveram em compreender o conceito de educação não formal e também diferenciá-lo de educação formal e informal, em seguida, partiu-se para a construção do projeto das oficinas a serem desenvolvidas. Na sala, as propostas de oficinas foram diversas, tanto na variedade do público, equipes que tiveram como público crianças, adolescentes, adultos. Bem como dos espaços de execução da oficina, e também nas propostas de conteúdos abordados.

Segundo Souza (2016) os Estágios I e II (diversificado e dirigido aos espaços não formais), tem buscado uma característica que é a reinvenção do docente e da prática pedagógica no ensino/aprendizagem da Geografia, pois a produção de materiais didáticos, a participação em projetos, a execução de oficinas ou minicursos em espaços não formais para a comunidade e também para docentes e discentes do ensino formal, todos estes

procedimentos vêm oportunizando outros modos e espaços de produção do saber, que não apenas o livro didático, a sala de aula e a escola, em busca de uma Geografia mais reflexiva e emancipatória.

Houveram equipes que conjecturaram acerca da Carta da Terra, onde refletiram na utilização desordenada e irracional do planeta, outra na reflexão da geografia nas obras literárias e na sensibilização dos sujeitos, o desenvolvimento da sensibilização ambiental com crianças, e por fim as transformações no espaço urbano do município de Santo Antonio de Jesus.

A oficinas Pedagógicas tiveram como tema norteador “A Cidade e seus lugares: cotidianos, vivências e experiências”, o qual foi também desenvolvido no semestre anterior, na disciplina de Estágio Diversificado, quando ocorreu a produção de materiais didáticos, os quais também foram utilizados durante as Oficinas.

Pensar a cidade é sempre um convite prazeroso, principalmente pelo caráter educativo que a mesma apresenta. Gadotti (2005) nos propõe que em primeiro lugar precisamos aprender da cidade. As cidades da atualidade estão chegando ao limite do suportável (violência, estresse, desemprego, transporte, etc) e não existe outro caminho que não seja a transformação radical em “novas cidade”, em cidades educadoras. Gadotti (2005) nos propõe uma pedagogia da cidade, que nos ensine a olhar, a descobrir a cidade, para poder aprender com ela, dela, aprender a conviver com ela. A cidade é por excelência o espaço das diferenças.

E foi seguindo esse caminho que as Oficinas foram propostas, e quando executadas nos deparamos com esse universo diverso e dialético. A diversidade dos temas e propostas nos permitiu reflexões quanto a profundidade e variedade de saberes proporcionados. Saberes que remontam para o cotidiano, para a vivência de cada sujeito. A Oficina Meio ambiente e participação cidadã aconteceu com crianças e durante as tarefas executadas, como a construção da horta, o conhecimento da coleta seletiva, era muito claro as angústias que visitavam o âmago daquelas crianças e jovens. Eles se questionavam porque o bairro deles não tinha praças, porque os esgotos corriam a céu aberto, porque existia o perigo, materializado na violência.

E por meio desse contexto a geografia se materializava em ciência e arte. A ciência que permitia pensar a desigualdade social e como os equipamentos urbanos são direcionados a determinados espaços e detrimientos de outros, isso de forma planejada pela gestão e pelo capital. Mais também se vislumbrava a arte, de se fazer um lugar/mundo diferente, em que mesmo com as condições desumanas o conhecimento ali proporcionado fazia o papel de semente que germinariam em algum momento.

11

A dinâmica do ato de educar é esta: quando nos aproximamos do que o outro busca em termos de conhecimento no ato da procura. O educador é apenas um facilitador que se coloca à disposição do outro sem cobrar necessariamente dele a resposta. Nesse processo, não existe o certo ou errado, existem apenas as possibilidades de desenvolvimento de cada um, em intensidade particular e subjetiva, processo de construção de conhecimento que vai se modelando na medida escolhida por cada um dos atores que se permitem adentrar no caminho do autoconhecimento pela inter-relação. (Laura in Sinsom, 2001, p. 203)

Ou seja, esse processo de aprendizagem é singular quando se dispõe a pensar na diversidade da cidade enquanto riqueza e não deficiência. Refletir na diferença é trilhar o caminho oposto a ocultação, e assim perceber que essas crianças e jovens são sujeitos concretos e únicos, e que precisam ser tratados e compreendidos em sua individualidade e subjetividade.

A Equipe que abraçou o tema da Campanha da Fraternidade do ano de 2016 e teve como tema “ Casa Comum, nossa responsabilidade” aconteceu na zona rural, No Povoado Amoras, na Igreja de São Cosme e Damião, e teve como público alvo donas de casa, agricultoras e professoras, e propôs uma discussão acerca da utilização desornada dos recursos naturais, e buscou sensibilizar aquela comunidade para a disponibilidade desses recursos naturais no seu espaço local, bem como refletir sobre atitudes e ações que podem ser desenvolvidas para torna essa Casa Comum, um lugar/ mundo melhor.

É importante elucidar que apesar da heterogeneidade do grupo e da origem de cada mulher, as discussões foram riquíssimas, e profundas, pois elas pontuaram aspectos sociais, ambientais e políticos acerca da atual condição do planeta. Elas suscitaram ainda, pensar nos recursos naturais, que tornando-se escassos, os seus filhos e filhas viam-se

obrigados a irem morar em outros lugares, em busca de condições de vida melhor. Discutiu-se ainda acerca da atual conjuntura em que o homem do campo tem suas terras vendidas aos grandes produtores, e acabam tendo que ir viver nas periferias das cidades. Paralelo a isso vê-se a constante destruição do restante dos recursos naturais, e o aumentos das pastagens, voltadas a pecuária.



Acervo: Discente Tayane Pereira dos Santos, Oficina Pedagógica no Povoado Amoras em Abril de 2016.



Acervo: Discente Tayane Pereira dos Santos, Oficina Pedagógica no Povoado Amoras em Abril de 2016.

A equipe que abordou a cidade de Santo Antonio de Jesus ao longo do tempo, se permitiu a proporcionar a cada sujeito que estava participando um olhar diferente para a cidade que é produzida, e quem vem produzindo à cidade. Refletindo acerca da coletividade e da importância dos coletivos em pensar/agir/ transformar à cidade. Aqui também foram observados os conhecimentos que cada sujeito traz e que deve ser valorizado na construção da cidade mais justa, humana, acessível e de todos.

As reflexões tecidas durante essa oficina, levou o grupo a observar a distância que Santo Antônio de Jesus estar de ser uma cidade educadora. Quando discutido acerca das

Fontes e da hidrografia da cidade, se observava algo vital à cidade, que é o abastecimento de água e a qualidade dessa água, recurso natural, que apesar de necessário foi depreciado ao longo do crescimento da cidade, e ainda hoje os sujeitos sociais pouco se movimentam para modificar esse quadro.



Acervo: Discente Keila Felíssimo Silva, Oficina Pedagógica no Povoado Amoras em Abril de 2016.



Acervo: Discente Keila Felíssimo Silva, Oficina Pedagógica no Povoado Amoras em Abril de 2016.

Ao se abordar a cultura da cidade percebe-se que houve um esvaziamento ao longo do tempo, com relação a festas e manifestações que aconteciam e deixaram de acontecer,

e muitas foram suplantadas por “tradições” recentes, de cunho mercadológico, como a ExpoMandioca.

E durante essas discussões refletiu-se acerca da cidade que educa, que para Gadotti,

(...) cidade que educa quando ela busca instaurar, com todas as suas energias, a cidadania plena, ativa, quando ela estabelece canais permanentes de participação, incentiva a organização das comunidades para que elas tomem em suas mãos, de forma organizada, o controle social da cidade. Essa não é uma tarefa “espontânea” das Cidades. Precisamos de vontade política e de uma perspectiva histórica. (Gadotti, 2005, p.7)

14

Porque a proposta da Educação Não Formal coincide em construir a cidade que educa, que abraça, e suporta a diversidade e a concretude dos sujeitos que nela vive, e que permite a subjetividade estar presente na construção de um lugar mundo melhor.

As oficinas desenvolveram ainda um olhar sobre o mundo a partir da utilização da literatura, permitindo pensar a cidade e os espaços, já que as obras literárias contemplam variados aspectos, e podem contribuir para um prazeroso contato com narrativas que nos remete para o imaginário, como também nos permitem refletir em situações reais que o ser humano enfrenta e serve de reflexão.

Depreende-se que as oficinas conseguiram alcançar o objetivo do Estágio desde que se trilhou caminhos de ruptura com práticas educativas tradicionais, e possibilitou aos docentes em formação olhares diversos acerca da ciência geográfica, do ensino e da formação inicial do professor de geografia. A execução das oficinas permitiu concordando com Silva (2016), tensionar o modelo reprodutivista de ensino e aproximar-se de uma práxis em que a concretude social dos sujeitos fosse tratada num processo formativo emancipado, efetivando-se pela via da formação política e da problematização das práticas sociais.

Portanto, as Oficinas Pedagógicas permitiu a reflexão acerca da importância do estágio não formal em geografia e na construção inicial da identidade docente, bem como perceber a educação em espaços diversos para além dos espaços formais de ensino. Para não concluir, parafraseando Cunha (2001) aprender, conhecer, crescer, para posteriormente trilhar este ou aquele caminho, não depende exclusivamente da orientação

de um educador, depende do desejo e da disponibilidade da criança, do jovem, e do adulto. Essa é uma questão que, para mim, é central no processo educativo.

Considerações Finais.

Essa pesquisa permitiu a compreensão de quanto as experiências em espaços não formais possibilitam a aprendizagem e a construção do conhecimento. Cabe aqui pontuar que a concepção de educação desenvolvida nesse trabalho perpassa por reconhecer a educação enquanto processo permanente e que acontece em espaços diversos, quem vão muito além dos espaços formais de ensino. Ou seja, nessa proposta os conteúdos estão vinculados a um currículo vivo e que busca compreender e decifrar a dinâmica e as contradições sociais. Geralmente essa modalidade de educação ocorre em locais como associações, igrejas, sindicatos, partidos políticos, espaços culturais dentre outros.

A oficinas desenvolvidas no Componente Estágio- espaços não formais de ensino na UNEB- Campus V, abordou a temática da “A Cidade e seus lugares: cotidianos, vivências e experiências”, em que trouxe discussões e reflexões buscando pensar a cidade, a partir do vivido e das subjetividades, propondo refletir nos elementos que são fundamentais à Cidade Educadora, como o meio ambiente, a cultura, a comunicação as narrativas dos cidadãos, todos esses elementos presentes ao longo das Oficinas.

Assim, pode-se proporcionar aos docentes em formação a experiência de uma práxis vivida, e que contribui no processo identidade do educador. Com isto, se alcançou o ensino de Geografia para além de práticas tradicionais, mais fomentador da pesquisa e da reflexão do estágio enquanto importante momento de construção segundo Pimenta e Lima (2004) de posturas e habilidades de pesquisador a partir de situações de estágio, elaborando projetos que lhes permitam ao mesmo tempo compreender e problematizar as situações que observam. De acordo com Chaigar (2007, p.84)

Compreendo que o professor ou professora que se autoriza no artesanato da docência não teme a invenção e a experimentação, no reforço desses

aspectos ‘éticos e emocionais’ que requerem, entretanto, estudos e aprofundamentos teóricos como fatores essenciais para a legitimação da ousadia de quem quer se reinventar.

Por fim, o Estágio Supervisionado não formal em Geografia consistiu num momento importante para proporcionar práticas educativas voltadas a formação cidadão e política dos sujeitos sociais. Portanto proporcionou a reconstrução do olhar sobre a formação inicial do professor de geografia, que necessariamente deve estar preparado para lidar com um espaço que é diverso, dialético e contraditório, e que carece de leituras e olhares capazes de compreender e decifrar essa complexidade.

Diante da complexidade do mundo atual a escola se encontra refletindo a diversidade dessa realidade. Assim é preciso dar conta da diversidade de raças, gênero, cores, sonhos e utopias. Dessa forma, o ambiente escolar se apresenta diverso e contraditório e o professor é convidado a saber ler e intervir nesse espaço. É preciso convidar a alteridade, o incentivo a diversidade e o constante reinventar-se na construção reinvenção da professora (o) atual.

Portanto, o ser professora (or) de Geografia é um convite constante a reinvenção e a constante atualização e aperfeiçoamentos, pois diante de um mundo complexo e em mudanças instantâneas é fundamental que o educador se permita a constante reinvenção de sua prática pedagógica e visando a compreensão dessa realidade diversa e contraditória.

Referências

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação?** São Paulo: Brasiliense, 2013.
educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

CHAIGAR, M.I. DA. O professor universitários na transição de paradigmas. 2.ed.
Araraquara: Junqueira e Marins, 2005.

CUNHA, Laura Maria. O educador de rua e sua prática: O Projeto Travessia. IN:
SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes; PARK, Margareth Brandini; FERNANDES,

Renata Sieiro. **Educação não-formal: cenários da criação**. Campinas, SP: Editora da Unicamp/ Centro de Memória, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática**

GOHN, Maria da Glória. **Educação não-formal na pedagogia social**. Ano 1. Congresso Internacional Pedagogia Social. Março de 2006.

GADOTTI, Moacir. A escola na cidade que educa.

GADOTTI, Moacir. A questão da Educação formal/ não- formal.

SILVA, Ana Margarete G.; BATISTA, Marize Damiana M. B. Educação para além da formalidade: estágio não formal em Geografia e contribuições à formação inicial docente. IN: PORTUGAL, Jussara F.; OLIVEIRA, Simone S.; RIBEIRO, Solange Lucas. **Formação e docência em geografia: narrativas, saberes e práticas**. Salvador: EDUFBA, 2016.

SOUSA, Hanilton R.; SOUSA, Luciana C. T. de . Estágio Supervisionado em Geografia: Percorrendo novos caminhos e construindo outras geografias. In: PORTUGAL, Jussara F.; OLIVEIRA, Simone S.; RIBEIRO, Solange Lucas. **Formação e docência em geografia: narrativas, saberes e práticas**. Salvador: EDUFBA, 2016.

PIMENTA, S.G.; LIMA, M. S.L. **Estágio e docência**. São Paulo: Cortez, 2004.